

[FERNANDO MARQUES PENTEADO]

É artista visual com trabalho em desenho, impressões e bordados, mestre em Artes Visuais/Têxteis pelo Goldsmiths College, em Londres. Desenvolve produtos têxteis para o mercado do vestuário e da decoração e colabora em programas de educação e pós-graduação em artes, têxteis e moda. É pesquisador em artes, cronista, curador e fotógrafo clandestino.

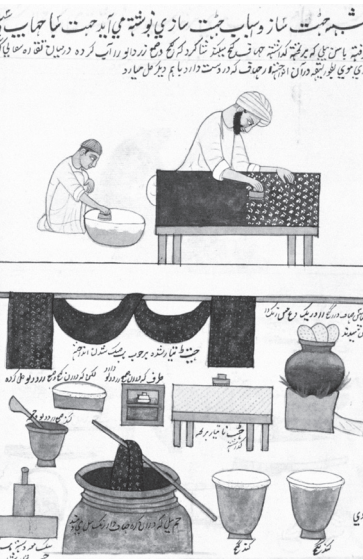
E-mail: ferpen@macbbs.com.br



De tempos em tempos: têxteis



Foto: Kyra Carbonell



Desenho indiano do século XIX que retrata os diferentes processos de tinturação no caso do vermelho e do índigo, além de fazer ver um impressor usando blocos de madeira para marcar decorações em um tecido.
 Fonte: SCHOESEER, M. World textiles: a concise history. Londres: Thames & Hudson, 2003, p. 32.

Este texto de hoje, como mencionei na última edição de [picote]¹, dá continuidade às visões da sistemática e preciosa pesquisa da inglesa Kate Fletcher que, no livro *Sustainable fashion & textiles: design journeys* (2008), aborda as questões e os impactos ambientais e sociais sobre a produção de têxteis e seus mercados, uma visão na qual ela propõe alterações, metas de produção, de comportamentos e de design que atravessam as responsabilidades e as éticas do universo e das práticas dos agentes desse processo, desde o produtor até o sujeito consumidor. Na última coluna, o recorte se concentrou nos momentos da pesquisa de Fletcher que iluminavam as implicações e as responsabilidades para as quais a indústria do vestuário e a da moda devem olhar sempre que almejem um projeto que vise sustentabilidade, enquanto o texto de hoje traz luz a algumas observâncias quando se fala de mudanças na produção e nos mercados de têxteis contemporâneos e propõe vias de escape sensíveis e autossustentáveis para a produção e o gerenciamento de novas fibras.

A produção industrial e a sustentabilidade: visões reducionistas

Quando se fala em produção e na manufatura de uma matéria-prima tão essencial quanto as superfícies têxteis, não se pode perder de vista que qualquer projeto de fomento que enfoca ampla sustentabilidade econômica, social e ambiental estará invariavelmente influenciado por um grande número de forças estruturais – econômicas, legislativas e culturais – as quais tendem a reforçar o *status quo* da indústria, instituição soberana no âmbito da produção e acumulação de riqueza e de poder contemporâneos. Assim, e por isso mesmo, a indústria vai procurar reter seus privilégios adquiridos, e é ingênuo acreditar que haja um só conjunto de ideias sensível a todos os requisitos que as mudanças de paradigmas procuram. Mas quando mudanças fundamentais estão no horizonte é importante que se insista em um remodelamento das indústrias-como-um-sistema. Esse "possível novo" modelo ou olhar unificante nos auxilia a escapar de uma visão reducionista de sustentabilidade na produção e a evitar cair em explicações que partem apenas de ações individuais e fracionadas ou mesmo de materiais, métodos ou casos de companhias isoladas. Ao se procurar esse olhar unificante, deve-se reter como parâmetros as atitudes profissionais exemplares e a atividade e a agenda de empresas (hoje não poucas) que manufaturam produtos ambientalmente cuidados e que oferecem mais conscienciosos e imaginativos modelos de produção, em que comunidades produtoras locais são privilegiadas e trabalhadores, respeitados. Essas são as mesmas companhias que hoje promovem e distribuem informações de *know-how* ambiental entre seus pares, seus atacadistas, designers e entre nós, seus consumidores; as mesmas que consideram importante tornar de conhecimento público, quando inscrevem no corpo do produto, um breve texto sobre as condições ambientais e de trabalho em que seus fornecedores produzem o produto que elas fazem por disponibilizar no mercado.

É imperioso nessa jornada que qualquer "novo" projeto de sustentabilidade destinado para o têxtil insista em incorporar coeficientes culturais aos produtos vindouros, em projetos nos quais a durabilidade do que quer que se produza faça por amalgamar ao objeto uma amplitude não só física, mas também emocional. O fazer uso de coeficientes culturais locais confirmará que: 1. o melhor produto é aquele que faz com que os cidadãos olhem para a sua comunidade com um olhar renovado sobre o que ali e nela se produz; 2. confirmará que o produto local é o antídoto da não sustentabilidade, e a esfera que nos é local o território onde temos a melhor oportunidade de revermos a escala de como vivemos, as sensibilidades que a cada dia trocamos com outros cidadãos, e reconhecemos o que devemos e podemos eliminar e fortificar em prol de uma sociedade mais participativa e segura; e 3. confirmará que um sistema produtivo redesenhado, tendo em conta melhores alternativas quanto ao acesso aos meios de

produção e a distribuição de resultados entre as comunidades locais, aumenta riquezas e não as concentra na mão de poucos.

Tecnologias e impactos

Sobre tecnologias, a ideia mais empolgante no livro é justamente aquela que, na contramão da exaltação, coloca que dar crédito aos correntes avanços tecnológicos e contar com a tecnologia para oferecer solução a todos os nossos modernos e futuros problemas contém o efeito insidioso e sutil de reforçar nossa tendência de evitar uma reflexão quanto ao impacto ambiental e social que corroboramos ao “praticarmos” a vida moderna. Enquanto ao sujeito moderno lhe é desenhada uma vida de agilidade, mobilidade, desempenho e eficiência, o livro ilustra decisões malsãs ligadas à compra e, principalmente, à poluente e energeticamente dispendiosa fase de manutenção de roupas e de tecidos (lavagem e reciclagem), e aponta que o sujeito obtém melhores resultados quando aplica métodos simples e antigos de cuidados e de lavagem às suas peças, em vez de dirigir-se às cegas para os (sempre) novos (e ferozes) produtos de limpeza com pesquisa, dita, de tecnologia de ponta.

Em relação às fibras, muito vem se fazendo para recompor uma constelação menos agressiva e unidirecionada em relação ao que orgânica ou quimicamente hoje se produz. Das ideias mencionadas, a que, creio, nunca podemos nos distanciar é a de que produzir grandes volumes de um número limitado de fibras é concentrar o impacto em um só setor, tanto da agricultura quanto da manufatura, crescendo o risco ecológico e fazendo do setor um parceiro menos aberto às inevitáveis mudanças globais, não só no que diz respeito a negócios, mas também no que concerne ao meio ambiente. Para que a variação de plantio, que inclui um olhar mais sensível às fibras regionais, e a manufatura de novas fibras aconteçam, é o mercado, ele mesmo, incluindo o consumidor, que deve agir e exigir maior pesquisa e práticas que possibilitem que um maior e mais estável estoque de fibras de menor impacto ambiental estejam disponíveis nos mercados. Enquanto isso, e lidando com tudo que já está em curso na indústria têxtil operante, a indústria conscienciosa cuida em sanar a fase mais poluente da construção de uma superfície têxtil que é o seu acabamento (leia-se tinturação e embelezamentos). De todos os exemplos que Fletcher recolhe, o que mais me tocou foi o de um tecido para decoração de lã e de rami de nome Climatex Lifecycle, desenvolvido pelo moinho suíço Rohner Textil em parceria com a companhia Design Text. Esse tecido, desenhado para responder a um ciclo biodegradável impecável, no qual ele é integralmente compostado ao fim de sua vida útil, foi colorido com tinturas rigorosamente selecionadas por não conterem ou liberarem substâncias cancerígenas, metálicas ou químicas. E, vejam vocês, de uma cartela de 4500 cores que a BASF, soberana indústria mundial de corantes, no momento desse desenvolvimento, punha à disposição para colorir o Climatex Lifecycle, só 16 delas (3%) foram consideradas adequadas.

E é desses 3% de cores sobreviventes que brota uma série de perguntas: e aí galera, e então... e aí você que pesquisa, pinta e tingi, você estilista e criador, você moda... a cartela do meio ambiente sofreu um corte “animal” e sobraram 16 cores corretas... e aí *Vogue*... e aí Dolce & Gabbana... como é que vai se virar, meu irmão? E nós vamos ser capazes de implodir nosso imaginário cromático, cinematográfico, e, *God*, deixar de viver sem o pink, punks e fluorescentes, sem os tons de elegância franco-italiana que dita a China, que move os coreanos que dominam a popular José Paulino, o Bom Retiro e a compra a granel? Como vamos continuar a estetizar nossos sonhos e nossos projetos têxteis futuros quando eles comprovadamente se mostram 97% ambientalmente insustentáveis? Como as indústrias vão lucrar a partir desse master-eco-ético-princípio-cromático e evitar usar cores nocivas... e... quando vamos passar a ganhar, todos, com essas novas éticas e mudanças? E, me digam, que tempos são esses?

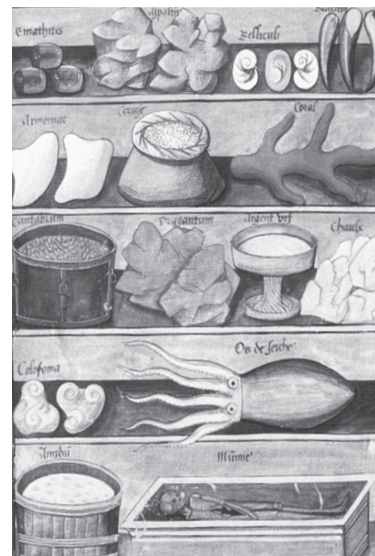


Ilustração de um manuscrito do século XIV que representa os usos de plantas e animais para a fabricação de corantes para a pintura e a tinturação. Fonte: DELAMARE, F.; GUINEAU, B. Colour: making and using dyes and pigments. Londres: Thames & Hudson, 1999, p. 55.

3. **BARBA-TIMÃO**: parte utilizada - casca
cor - vermelho
(árvore)



A planta barbatimão e a descrição de suas qualidades de tintura nos registros feitos nos anos 1980 em Minas Gerais pela dupla Ramiro e Bressane.
Foto: Oscar Bressane

dão orgânico ou bambu. Ali o consumidor encontra também um vinil 100% biodegradável para comunicação visual ao ar livre usando tintas à base de água. Abuse.

O designer Eber Lopes Ferreira produz e vende tintas de extração natural para uso em diferentes tecidos. Com pesquisa antiga, uma prática de ensino larga pelo Brasil e uma publicação sobre tinturas naturais, ele abre um novo espaço de oficinas em São Paulo. Atente.

Em 1987, os artistas Mario Ramiro e Oscar Bressane, sobre motocicletas em vez de sobre o lombo de burros, reencenam um trecho do longo caminho que os naturalistas e botânicos alemães Von Spix e Von Martius percorreram no século XIX, fazendo um levantamento da fauna e da flora brasileira. Os dois artistas selecionaram o Estado de Minas Gerais, e a tarefa era anotar a mudança da paisagem levando em consideração as gravuras dos naturalistas. Bressane registrava as plantas, experiência adquirida em suas expedições com Burle Marx, enquanto Ramiro, na sua melhor veia de curiosidade polivalente, levantava as espécies vegetais benfazejas para a tinturaria. Isso é registro e dele pouco se conhece. Sabe-se, contudo, que o que o artista faz Deus não desfaz. Ateste.

[50]

^[1] Nota das editoras: Lamentavelmente, na edição anterior de [picote] intitulada *De tempos em tempos* o final do texto foi cortado. Pedimos desculpas ao autor e a você, leitor, pela nossa falha. Veja a seguir o último parágrafo na íntegra: "O segundo artista é Jim Shaw, que nos presentearia com uma coleção de trabalhos cujas imagens eu apresento ao longo desta coluna. Esses trabalhos são de artistas anônimos que o inglês Jim Shaw colecionou em lojas de quinquilharias mundo afora. Trago essas imagens para comentar que enquanto houver nas comunidades artistas anônimos como esses e enquanto nós os pudermos conhecer, ainda que através do esforço de outros artistas, eu diria que o mundo está a salvo."

REFERÊNCIA

FLETCHER, Kate. *Sustainable fashion & textiles: design journeys*. Londres: Earthscan, 2008.

SAIBA MAIS

Climatex: www.climatex.com

Eber Lopes Ferreira: corantesnaturais@gmail.com

Mario Ramiro: www.autopsi.de

Trigema: www.trigema.de

Victor: www.victor-innovatex.com